

A “Pedagogia da feira”: práticas culturais e educacionais do Colégio Deputado Elísio Carmelo

*Maria José Dantas¹
Cleany Oliveira de Jesus²*

Resumo

Este artigo enfatiza a feira cultural do Colégio Deputado Elísio Carmelo, evidenciando a existência de uma “Pedagogia da Feira” no processo de aprendizagem. A investigação se debruça sobre a escola, retratando o surgimento da atividade e apontando reflexões sobre a prática educativa. O suporte teórico-metodológico que fundamenta o estudo está centrado na História da Educação e História Cultural, tendo como base os conceitos de cultura, pedagogia e feira. A análise foi subsidiada por questionários e entrevistas e viabilizou conhecer a história de uma relevante prática pedagógica realizada no município de São Cristóvão. Investigar essa feira possibilitou acompanhar o desenrolar de uma atividade que proporciona por meio da cultura, formação, instrução e transmissão de valores educacionais não somente aos alunos, mas às pessoas de diversas partes da sociedade.

Palavras-chave: Colégio Elísio Carmelo, Feira Cultural, Pedagogia da Feira.



- 1 Doutora em Educação pela Universidade Federal de Sergipe; Professora do Departamento de Educação DED/UFS; integrante do Grupo de estudos e pesquisas em História da Educação: memórias, sujeitos, saberes e práticas educativas.
E-mail: mariajosedantas@yahoo.com.br
- 2 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe; Professora da Educação Básica na cidade de São Cristóvão; Ex-aluna do Colégio Deputado Elísio Carmelo.
E-mail: cleanyoj@hotmail.com

The “Pedagogy of fairs”: cultural and educational practices of Elísio Carmelo High School

La “pedagogía de la feria”: prácticas culturales y educativas del Colégio Deputado Elísio Carmelo

61



Abstract

This article emphasises the cultural fair of Deputado Elísio Carmelo high school, highlighting the existence of a “Pedagogy of the Fair” in the learning process. The investigation focuses on the school, portraying the emergence of the activity and pointing out reflections on educational practice. The theoretical and methodological support that underlies the study is focused on the History of Education and Cultural History, based on the concepts of culture, pedagogy and fair. The analysis was supported by questionnaires and interviews and allowed discover the history of a relevant pedagogical practice carried out in the municipality of São Cristóvão. Investigating this fair made it possible to monitor the development of an activity that provides culture, training, instruction and the transmission of educational values not only to students, but to people from different parts of society.

Keywords: Cultural Fair, Elísio Carmelo High School, Pedagogy of the Fair.

Resumen

En este artículo se enfatiza la feria cultural del Colegio Elísio Carmelo, evidenciando la existencia de una “Pedagogía de la Feria” en el proceso de aprendizaje. La investigación se centra en la escuela, retratando el surgimiento de la actividad y apuntando reflexiones sobre la práctica educativa. El soporte teórico-metodológico que fundamenta el estudio se centra en la Historia de la Educación e Historia Cultural, teniendo como base los conceptos de cultura, pedagogía y feria. El análisis fue subsidiado por cuestionarios y entrevistas y viabilizó conocer la historia de una relevante práctica pedagógica realizada en el municipio de São Cristóvão. La investigación de esta feria permitió acompañar el desarrollo de una actividad que proporciona por medio de la cultura, formación, instrucción y transmisión de valores educativos no sólo a los alumnos, pero también a las personas de diversas partes de la sociedad.

Palabras clave: Colegio Elísio Carmelo, Feria Cultural, Pedagogía de la Feria.

Introdução

A temática das festas e feiras como práticas educativas tem sido abordada no campo acadêmico, sobretudo, buscando verificar as contribuições desses eventos para a produção do conhecimento. Neste sentido, este artigo tem como objeto a Feira Cultural do Colégio Estadual Deputado Elísio Carmelo, localizado na Rua Pai Tomé - Nº 91, no centro histórico do município de São Cristóvão, 4ª cidade mais antiga do Brasil. O trabalho tem como objetivo investigar do ponto de vista histórico, a importância da realização dessa feira cultural, especificamente do ano de 2011 até 2014. Visa também destacar as atividades desenvolvidas em cada feira, buscando descrever a importância desses eventos no aspecto pedagógico.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, tendo o suporte teórico fundamentado na História da Educação e História Cultural. Discute os conceitos de cultura, pedagogia e feira e está apoiada em depoimentos orais, entrevistas e questionários colhidos ao longo da investigação, visando, sobretudo, analisar como ocorre todo o processo de preparação e desenvolvimento da feira e verificando sua influência na aprendizagem dos alunos.

A realização das Feiras Culturais promovidas pelo Elísio Carmelo teve início em 2003 e ocorre sempre uma vez por ano, geralmente no segundo semestre. Contudo, nesta pesquisa, o marco temporal priorizado restringe-se apenas aos anos de 2011 a 2014. A delimitação justifica-se pelo fato de que foram os quatro anos consecutivos que a feira foi realizada na Praça São Francisco, nos anos subsequentes ela transferiu-se para o espaço da própria escola.

São Cristóvão cidade fundada em 1590 por Cristóvão de Barros, atualmente possui cerca de 100 mil habitantes. Sua historicidade é marcada por grandes acontecimentos: de um lado serviu como palco para invasões e batalhas entre holandeses, portugueses, negros e índios, por outro lado, serve de espaço para inúmeras manifestações culturais, religiosas e folclóricas. Além disso, foi a primeira capital de Sergipe.

O conceito de cidade, enquanto categoria formada por grandes aglomerações humanas, historicamente tem tido muitas formas de compreensão: a cidade conceituada como “fortaleza”, onde predominava a existência de muralhas, para proteção e defesa; as cidades com visão estrelada, colocando em evidência a centralidade, predominaram durante o Renascimento; e a ideia de cidade como máquina, como um meio de produção, presente, principalmente, no início do século XX, com a revolução industrial.



Ao longo da história, as cidades foram cenários de trabalho, de trocas, de negócios, e também de encontros nas ruas, de conversas nas praças, de manifestações políticas, de festas. De uma certa forma, nas cidades materializou-se a criatividade humana, quase sem limites, no ardor de vencer a natureza. As cidades foram também os espaços onde foram disseminados a escola, a escrita, a imprensa, o livro e a pedra – templos e monumentos que em sua arte perpetuaram ideias e valores. *Stadtluft macht frei*, o ar da cidade liberta, uma conhecida expressão alemã dos tempos medievais, evidencia para a cidade como o lugar da produção da autonomia, da liberdade, do indivíduo, dos gostos (VEIGA, 2003, p. 399).

É na cidade onde a vida acontece, na cidade estão mergulhados todos os desafios presentes na humanidade: conflitos entre gerações, miséria, anseios sociais, entre outros. A cidade é, antes de tudo, um local de concentração de diversificados agentes sociais.

Le Goff (1998), acreditando no dinamismo urbano, fez uma abordagem sobre essas questões. Coloca a cidade como um lugar de troca e de diálogo, lugar de cobiça, lugar de poder, que quer fundar o bom governo, preocupada com a Justiça, mas multiplica as injustiças e os marginalizados.

No que diz respeito à cidade de São Cristóvão, de acordo com Nunes (2007), em 1637, os holandeses invadiram Sergipe e deixaram a cidade completamente destruída. Sua reconstrução aconteceu durante meados do século XVIII. Em 1763 a cidade sofreu uma nova invasão, porém desta vez foi por negros, mocambos e índios que fugiam de perseguições. Em 1820 o Estado de Sergipe, até então, parte anexada à Bahia desde o final do século XVII, foi emancipado através de um Decreto de Dom João VI, tornando assim a cidade de São Cristóvão a primeira capital do estado Sergipano.

Distante 25 km de Aracaju, São Cristóvão possui uma riqueza de monumentos históricos, prédios tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), bem como diversos aspectos culturais e religiosos, que têm sido estudados por vários pesquisadores³.

Durante o final da primeira metade do século XIX, de acordo com dados do portal da Prefeitura Municipal de São Cristóvão (2017), os senho-

3 Dentre as pesquisas, a título de exemplo podemos citar: PASSOS, Carla. *São Cristóvão a primeira capital de Sergipe*. Cinform Municípios, Aracaju, n. 200, p.236-238, 2002; SANTANA, Josineide Siqueira de. Papéis Velhos: A História do Orfanato de São Cristóvão e da Escola da Imaculada Conceição através de suas Fontes. *Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação*. Sociedade Brasileira de História da Educação. Cuiabá, 2013. (p.1-14); SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Uma história de pés descalços: os ex-votos e a experiência dos romeiros do Senhor dos Passos de São Cristóvão (Sergipe, Brasil). *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 34, p. 173-200, 2019; VILELA, Iêda Maria Leal; SILVA, Maria José Tenório da. *Aspectos históricos, sociais, culturais e artísticos da cidade de São Cristóvão*. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura e Meio Ambiente, 1989. (Série memórias, v. 1).



res de engenho começaram a liderar um movimento, com o objetivo de transferir a capital sergipana para outra região, onde tivesse um porto capaz de receber embarcações de maior porte para facilitar o escoamento da produção açucareira, principal fonte da economia na época. Assim, em 17 de Março de 1855 a sede da capital foi transferida, pelo presidente provincial Inácio Joaquim Barbosa, para a cidade de Aracaju, numa região vizinha a antiga capital. Após essa mudança, São Cristóvão sofreu um período de despovoamento e crise, que só teve fim no início do século XX com a chegada de fábricas de tecidos e via férrea na cidade.

São Cristóvão, é uma cidade berço de diversidade cultural, possui uma rica história de conflitos e reestruturação, tendo a Praça São Francisco como um símbolo dessa história. A Praça em 01 de agosto de 2010 recebeu da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), a chancela de “Patrimônio Cultural da Humanidade”⁴. Portadora de arquitetura e monumentos históricos datados do século XVIII ao XIX, como a Igreja e o Convento de São Francisco, Museu de arte sacra, Igreja e a Santa Casa de Misericórdia e o Palácio Provincial, a praça acabou se tornando um museu ao céu aberto, um lugar mais que propício para a realização de eventos como a Feira Cultural.

De acordo com Felgueiras (2010), a ideia de cultura, surge ligada a uma perspectiva de civilidade, de trato social. Segundo esta autora, foram os antropólogos⁵ que desenvolveram o conceito de cultura numa acepção descritiva como “todo o complexo que compreende o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade.” (FELGUEIRAS, 2010, p. 20). Ou seja, as regras e práticas sociais incorporadas: domínio das pulsões, autocontrole, etiqueta, dentre outros.

Em várias partes do mundo, a existência de uma diversidade cultural proporcionou uma imersão da cultura como um sistema de normas e valores e como um conjunto de obras primas de uma época ou sociedade. A cultura vem ocupando um lugar de destaque na sociedade, história e narrativa, articulada com os processos sociais, econômicos e políticos, que a explicam. Neste sentido, podemos entender a cultura como sendo tudo aquilo que diz respeito aos processos de ser, de fazer e de sentir do homem, ou seja, como práticas que a humanidade foi apreendendo, aperfeiçoando e desenvolvendo ao longo dos séculos.

4 Em documento elaborado para este fim, é possível encontrar dados históricos sobre a importância da cidade e, sobretudo, sobre a relevância da praça: NUNES, Maria Thétis. *A cidade de São Cristóvão na formação da história de Sergipe*: desde a colônia até os dias atuais. In: BRASIL. Dossiê da proposta de inscrição da Praça São Francisco em Sergipe na lista do patrimônio mundial. Aracaju: Secretaria de Estado da Infraestrutura; IPHAN: Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. p. 1-16. CD-ROM;

5 Precisamente, Edward Burnett Tylor, na obra *Primitive Culture*, publicada em 1871.



Assim, é relevante a pesquisa que ora se desenvolve, visto que ressalta atividades culturais que promovem o envolvimento de alunos, professores e comunidade em geral, possibilitando o acesso ao conhecimento de diversas realidades, sejam elas políticas, históricas, sociais ou religiosas e ainda, contribui para a História da Educação com a divulgação de práticas educativas diversificadas.

Feiras e festas como práticas pedagógicas

Dentre as pesquisas efetivadas no empenho de apresentar uma revisão de literatura para elaboração deste artigo, visitamos o arquivo de Monografias do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe e não encontramos nenhuma publicação sobre a temática. Também investigamos o acervo do Programa de Pós-Graduação em Educação e também não foi localizado nenhuma investigação. Assim, consultando as plataformas digitais encontramos alguns trabalhos que de algum modo se assemelham à pesquisa que estamos realizando, a exemplo da Monografia de Maria Ambrosio (1988) cujo tema é “A Pedagogia do Rosário”. O trabalho tem como principal objetivo identificar os conteúdos educativos presentes na festa de Nossa Senhora do Rosário em Sete Lagos - MG. Essa festa é realizada pelos que se auto denominam, “pretinhos do rosário”, a festa é uma maneira de afirmação dessa identidade, não somente no cotidiano dos negros mas também em relação a todo um passado de luta e resistência. A autora descreve como acontece a Festa do Rosário, a história que a envolve e como é a sua preparação, contextualiza esse movimento cultural com o intuito de manter viva a tradição.

“A Pedagogia do Estar junto: éticas e estéticas no bairro de São Sebastião do Rocio”, Tese de Doutorado escrita por Sônia Maria dos Santos Marques (2008), tem como foco central investigar de que modo os moradores “negros” de São Sebastião, bairro localizado no Município de Palmas, inventam e inventaram a socialidade e constituem o “estar junto” nesse espaço. Para isso a autora inicia descrevendo os processos históricos de constituição presente nesse bairro. Em seguida ela demarca os contornos e as formas que os moradores constituem socialidade, inventam e inventaram o estar junto, e cartografa os espaços identificados pelos moradores como significativos para a própria vivência. Por fim, ela retrata os personagens e os seus significados cotidianos que constituem o “estar junto”.

Anilton Nunes dos Reis (2015) em artigo intitulado “A festa de São José, no bairro Vila Nova, em Francisco Beltrão/PR: a pedagogia do estar junto”, aborda justamente a festa religiosa de São José, que acontece no Bairro Vila Nova, localizado na cidade de Beltrão. O autor descreve a relação proporcionada por essa festa com a pedagogia do estar junto, na qual acontece a ligação, do aprender e do ensinar, colocando em prática



o saber, o fazer e o ensinar de maneira que valorizam aqueles que doam tempo, sabedoria e experiência, para a realização da mesma.

O artigo intitulado “Por uma pedagogia da festa”, escrito por Maria Souza (2012), é fruto de pequenas oficinas aplicadas pela autora no âmbito do teatro, música e dança. A autora faz uma relação da composição corporal individual em um corpo coletivo da ciranda e o desafio da improvisação textual do coco. A partir dessa relação a pedagogia da festa tem a proposta de mostrar como a dança, as músicas e a atuação originada do coco e das cirandas podem influenciar na educação, focando em uma aprendizagem que envolve o prazer sensorial do corpo e o intelectual, tendo como estratégia uma aula espetáculo.

Trilhando nesta direção, este artigo sobre a Feira Cultural do Colégio Deputado Elísio Carmelo, evidencia a existência de uma “Pedagogia da Feira”, entendida aqui como a prática de ensinar e aprender, criando, compondo, encenando, trabalhando e estudando juntos. Visa identificar as contribuições desse processo na aprendizagem dos alunos, descrevendo como ela ocorre e qual a representação de professores e alunos. A análise tem o intuito ainda de despertar o interesse “para (re)descobrir e perceber os valores e particularidades de uma identidade cultural” (SOARES 2007,p.51), e assim aproximar e envolver mais e mais pessoas no processo do conhecimento de atividades culturais de uma forma dinâmica.



O Colégio Elísio Carmelo

O Colégio Estadual Deputado Elísio Carmelo, anteriormente denominado Colégio de 1º e 2º Graus São Cristóvão, foi fundado pelo Gestor Municipal Lauro Rocha, pelo Decreto Nº 09 de 05/04/1977 para funcionamento noturno e a entidade mantedora era a Prefeitura Municipal. O Colégio começou a funcionar com suas atividades letivas em um prédio da fábrica São Cristóvão, mais conhecida como Fábrica Velha, onde funcionava a já extinta Escola Reunida Otoniel Amado.

Segundo dados colhidos no Projeto Político Pedagógico da Escola (2017), a data de fundação do Colégio São Cristóvão é 25 de fevereiro de 1977 e em 17 de Agosto de 1978 foi concedida autorização para funcionamento do ensino de 2º Grau, oferecendo as Habilitações de Cursos de formação para o Magistério de 1º Grau (da 1ª a 4ª séries e da 1ª a 6ª séries) nas especializações de Ciências, Estudos Sociais e ainda Comunicação e Expressão. Também ofertou o Curso de Técnico em Contabilidade.

A partir de 19 de agosto de 1985, passou a ser chamado Colégio Estadual Deputado Elísio Carmelo em homenagem a um homem público muito referenciado na cidade. O patrono da instituição é filho de Elyseu Carmelo e Hosana Carmelo e nasceu no dia 02 de dezembro de 1908. Faleceu em 29 de abril de 1983, tendo como causa um câncer no fígado.

De acordo com Camilo (2019) “descendente de uma das mais prestigiadas famílias de São Cristóvão, Elisio é o caçula de uma prole de sete irmãos; Wilson Carmelo, Antônio de Carmelo, Ariadne Carmelo, Joelina Carmelo, Leda Carmelo e Neusa Carmelo”. Ainda de acordo com o referido autor (2019), o sobrenome “Carmelo” foi cunhado inicialmente por um tio avô, o Padre Antônio Teixeira de Jesus.

O presbítero Antônio [...] resolveu adotar como nome sacerdotal Antônio Carmelo, em homenagem aos Carmelitas, ordem religiosa pela qual tinha profunda admiração. A partir desse fato, o patriarca Maximiliano (avô de Elisio) decide também substituir o sobrenome Teixeira de Jesus por Carmelo, surgindo assim, a “dinastia” dos Carmelo. (CAMILO, 2019, p.51).

Elisio iniciou seus estudos em escolas municipais de São Cristóvão. Teve como primeiro educador o professor Leão Magno. E de acordo com Camilo (2019), após concluir o curso primário, foi para capital do Estado no intuito de ingressar no ginásio, tendo estudado no Colégio Tobias Barreto.

Segundo Camilo (2019) Elisio iniciou sua vida profissional como comerciante no ano de 1930 e no dia 13 de dezembro de 1945 se tornou o escrivão titular do 1º Ofício da Comarca de São Cristóvão. “Foi ocupando esse cargo que Elisio começou a colocar [...] em prática um pensamento que o acompanhou desde a época que atuou na atividade comercial, tornar a sociedade são-cristovense mais fraterna, justa e igualitária.” (CAMILO, 2019, p.91).

Essa atividade como escrivão possibilitou que Elisio começasse a receber convites para ingressar na carreira política. De acordo com Camilo (2019) no começo ele não queria, mais logo depois cedeu a uma nova investidura do então governador do Estado de Sergipe, Leandro Maciel e ingressou na política, filiando-se em 1958 ao Partido Trabalhista Brasileiro-PTB.

De acordo com dados colhidos por Camilo (2019), Elisio concorreu ao cargo de Prefeito de São Cristóvão e venceu as eleições no dia 03 de outubro ano de 1958, e governou de 1959 até 1962. Durante seu mandato, para demonstrar a grande importância que dava à educação, falava com frequência uma frase que se tornou bastante conhecida: “um município para se desenvolver deve ter em cada pé de pau uma escola”. (CAMILO, 2019, p.125). Assim, como até aquele período em São Cristóvão só existia o ensino primário, ele juntamente com Dr. Bonifácio Fortes, Araceles Correia e Manuel Ferreira, criaram o Ginásio São Cristóvão, que mais tarde, em sua homenagem passou a ser denominado Colégio Estadual Deputado Elisio Carmelo.

Atualmente o Colégio está localizado no centro Histórico da Cidade de São Cristóvão, mais precisamente na rua que fica no lado esquerdo da



Igreja São Francisco. Infelizmente não está em prédio próprio, encontra-se estabelecido em um local alugado, uma antiga escola privada.

A escola acolhe alunos do 8º ano e 9º ano do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio (EJAEM). Funciona nos três turnos: matutino, vespertino e noturno e atende em média mais de 800 alunos matriculados. Trabalha em sua grade curricular com as seguintes disciplinas: Artes, História, Geografia, Matemática, Física, Biologia, Sociologia, Filosofia, Língua Portuguesa, Educação Física, Química, Redação, Espanhol, Inglês. O Conselho Escolar do Colégio foi fundado no ano de 2001.

O Colégio é rico em movimentos que buscam despertar os alunos para a realidade social, e instigá-los para busca do conhecimento através de pesquisa e exposições. O principal projeto da escola é a Feira Cultural, porém, além dessa iniciativa ela é responsável por outros projetos como o “Natal Solidário”, que já recebeu o selo de Qualidade Escola Solidaria em 2011, o projeto “Diversidade Cultural”, o projeto “Amostra Ambiental” e o projeto “Expo – Historia”.

O projeto “Diversidade Cultural” tem como foco despertar na população o valor da cultura étnico-racial. A “Amostra Ambiental” tem o objetivo de sensibilizar e conscientizar a comunidade escolar para o fato de que a intervenção no meio ambiente é feita por todos, abrangendo as atividades na escola e no entorno dela. O coordenador do projeto é o professor de Biologia. Já a “Expo – Historia” busca fazer uma exposição sobre fatos históricos, o que permite aproximar os alunos de uma forma mais dinâmica do interesse pela história.

A feira cultural

A Feira Cultural surgiu no ano de 2003, e começou como uma Feira de Regiões, Países e Estados, quando a escola ainda estava fixada em um prédio na Praça Getúlio Vargas, localizada também no centro histórico da cidade de São Cristóvão. A Feira Cultural nasceu com o intuito de celebrar o encerramento do primeiro semestre letivo com uma festividade Junina, unindo assim um momento de festividade com um momento de instigar o desenvolvimento dos alunos. A intenção de realizar esse evento após a conclusão do primeiro semestre, era vista inicialmente como uma possibilidade de complementar as notas dos alunos, ou seja, a soma dos pontos conquistados com as atividades da feira, iria subsidiar a segunda nota do primeiro semestre.

Essa proposta foi mantida ao longo dos anos e segundo a diretora da escola: “até hoje se mantém esse padrão: aproveitar a pontuação da feira cultural, para a segunda nota”. Dessa forma a segunda avaliação fica valendo 6,0 pontos, e os projetos da feira valem de 2,0 a 4,0 pontos divididos



em níveis: Regular (2,0), Bom (3,0) Ótimo (4,0). Os jurados atribuem notas de 5,0 a 10,0 pontos para cada item analisado, observando o alcance das metas exigidas. Após a análise de todos os jurados, a votação é minimizada para o nível de cada item em porcentagem da seguinte forma: Regular = de 50% a 70% da pontuação total; Bom = de 71% a 89% da população total; Ótimo = de 90% a 100% da pontuação total.

A Feira cultural tem por justificação/ motivação a análise das novas propostas curriculares e os novos métodos de avaliações educacionais, apresentados pelo Ministério da Educação, percebe-se que o foco das competências a serem desenvolvidas está na interpretação, seja de textos, de dados ou de gráficos.

A partir desse material, os trabalhos ganharam um maior destaque nas aulas de português, levando os alunos a investigarem todo o contexto histórico e social do processo de construção de tais textos. Em suas primeiras edições, a feira trabalhava apenas com aspectos culturais de países e regiões. Posteriormente, além dessas temáticas, são abordados outros temas que envolvem a Diversidade Cultural e as Problemáticas Sociais. Dentre os conteúdos desenvolvidos estão acontecimentos históricos; comportamento humano; estatística; linguística; alimentação; biografias; ambiente; dentre outros.

Segundo a Diretora do Colégio,

para se obter a definição do tema da Feira Cultural, todos os professores participam ou já participaram desse processo, e a escola sempre está aberta às sugestões do corpo docente no que se refere a escolha ou aprimoramento do tema. Isso é de extrema importância, pois essa comunhão de ideias e de aprimoramento facilita o trabalho em equipe entre os professores, e auxilia os docentes no desenvolvimento de uma melhor contextualização dos temas abordados na feira com conteúdos extracurriculares (SANTOS, 2016).

Ainda de acordo com a Diretora, a feira cultural era realizada na Praça São Francisco e às vezes na Praça da Matriz, com o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), esse apoio era importante, pois “nos dava essa abertura de fazer na Praça São Francisco, que é patrimônio cultural da humanidade, só que, devido ao aumento da violência passamos agora a fazer dentro da escola” (SANTOS, 2016).

É triste constatar os efeitos da insegurança que atinge toda a sociedade e em consequência também os eventos escolares. A própria diretora nos confidenciou que já enfrentou alguns marginais para que eles não prejudicassem os alunos. Mesmo chamando o policiamento, que sempre ajudou e esteve presente nas feiras, ainda assim não era o suficiente, pois a praça é um local aberto e havia uma grande circulação



de pessoas. De acordo com Santos (2016), a visitação às barracas da feira muitas vezes ultrapassava 3.000 mil pessoas. Dessa maneira não tinha como ter um controle sobre todos. Assim, para não colocar nenhum aluno em situação de risco, atualmente a Feira Cultural tem acontecido dentro da escola com um número reduzido de visitantes. A circulação de um menor número de pessoas torna a feira um pouco melhor em relação a segurança dos próprios alunos, pois assim é possível ter um controle maior sobre as pessoas que chegam para visitar a feira.

No que diz respeito às temáticas abordadas pela feira no marco teórico estudado, em 2011 o tema foi “Patrimônios Brasileiros da Humanidade”; Em 2012 voltou-se para os “Estilos Literários”; Em 2013 teve como tema um questionamento: “Como eu me encontro no Mundo?”; 2014 “Alteridade e Cidadania” (tecnologia, grupos folclóricos, meio ambiente e ecossistema, movimentos sociais, família e sociedade X crack e etc).

No ano de 2011 ocorreu a VIII Feira Cultural com o tema geral “Patrimônios Brasileiros da Humanidade”, o qual teve como subtema para cada turma a lista Brasileira de Patrimônios Mundiais. Nesse ano, com o intuito de ajudar na preparação dos alunos na produção da feira cultural, a diretoria da escola solicitou a Casa do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que fornecesse material aos alunos. Assim, pensando “em ajudar com materiais e informações sobre os sítios brasileiros constantes na Lista da UNESCO, a Casa do IPHAN, solicitou à representação da UNESCO no Brasil, materiais por eles produzidos, solicitação que foi prontamente atendida” (CASA DO IPHAN, 2011). Neste sentido, os alunos tiveram a oportunidade de ter o “apoio da Casa do IPHAN em São Cristóvão para obter informações sobre os bens culturais, tendo acesso ao acervo da biblioteca da Casa” (CASA DO IPHAN, 2011).

Naquele ano a Casa do IPHAN, recebeu o convite e enviou seus representantes para atuarem como jurados nas três etapas da Feira; a escolha do Garoto e Garota propaganda, as apresentações artísticas (dança, teatro, paródia e tema livre) e a culminância na exposição da feira. Após tantos esforços os estudantes conseguiram através de dedicação exaltar a importância da preservação do patrimônio cultural e no dia da exposição foram capazes de presentear o público com “pedacinhos” de vários patrimônios naturais e culturais brasileiros, foi como se cada equipe trouxesse ao mesmo local, partes reais de diversos patrimônios históricos espalhados pelo Brasil.

A importância desses eventos nas instituições escolares torna-se relevante, sobretudo porque, percebe-se que os jovens em sua maioria, mesmo depois de alguns anos estudando Português, Literatura, História, saem do ensino médio,



[...] sem terem desenvolvido suficientemente certas habilidades básicas de análise e interpretação de textos literários, tais como levantamento de hipóteses interpretativas, rastreamento de pistas ou marcas textuais, reconhecimento de recursos estilísticos e de sua função semântico-expressiva, relações entre a forma e o conteúdo do texto, relações entre os elementos internos e os elementos externos (do contexto sócio histórico) do texto; relações entre o texto e outros textos, no âmbito da tradição; relações entre texto verbal e texto não verbal, etc (CEREJA 2004. p.72).

Assim, é muito importante que uma instituição de ensino busque fugir da realidade do ensino corriqueiro e procure instigar nos seus alunos um maior interesse pela Literatura, pela Pesquisa e pela História, onde eles possam explorar um aprofundamento nesse campo de conhecimento. E foi isso que aconteceu na IX Feira Cultural, no ano de 2012, quando a feira teve como tema geral “Estilo Literário”, que abordavam como tema de cada equipe um estilo literário diferente. Entre os temas distribuídos estavam o Parnasianismo, o Barroco, o Arcadismo, o Romantismo, o Quinhentismo, o Pré-modernismo, o Modernismo e o Simbolismo. Essa dinâmica fez com que os próprios alunos se interessassem pela Literatura e buscassem se aproximar cada vez mais desse campo, algo que se tornou mais prazeroso do que participar passivamente das aulas, com os professores simplesmente introduzindo esses conteúdos de maneira monótona e rotineira.

No ano de 2013 realizou-se a X Feira Cultural com o tema geral “Atualidades: Como eu me encontro no Mundo?”. Esse tema permitiu a abordagem de diversas temáticas como desmatamentos e queimadas, aquecimento global, preservação ambiental, energias alternativas, cidadania, álcool e direção, redução da maioria penal, liberdade, manifestações populares. Nesse ano foi proposto pelo professor de Biologia que cada turma representasse na feira “um tema que tivesse possibilidade de cair na redação do ENEM. Então foi um sobre álcool e direção, outro sobre a redução da maioria penal, etc e tal” (Professor de Biologia 2016). Essa proposta foi bem acolhida pelos demais professores, e trabalhar na décima edição da feira com essa temática foi bastante interessante, pelo fato de que os alunos estão em sua maioria no Ensino Médio já estavam se preparando para um futuro ingresso em uma Universidade, então a abordagem desse tópico possivelmente ajudou bastante os estudantes, que nos anos seguintes realizaram o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

O Colégio Estadual Deputado Elísio Carmelo realizou no ano de 2014 a XI Feira Cultural com o tema geral “Alteridade e Cidadania”, a qual teve como subtema tópicos que abordavam questões como a tecnologia; grupos folclóricos; São Cristóvão; Meio Ambiente e ecossistema; o desafio de conviver com as diferenças; mulher do século XXI; eventos esportivos; a família e a sociedade X *crack*; festas religiosas e redução da maioria penal.



É muito importante pensar e buscar trazer para o meio escolar discussões sobre as atuais realidades presentes em nossa sociedade e mostrar aos jovens uma visão que vai além daquilo que eles podem encontrar com mais facilidade nas ruas, pois com o fácil acesso dos alunos a tantas informações, e o contato mais próximo com diversos cenários, estamos vendo cada vez mais os jovens se aproximando de caminhos tortuosos e de infrações.

Preparação para a feira

O início dos trabalhos em preparação para a feira acontece com o sorteio dos temas secundários que envolvem um Tema Principal, cada turma fica com um tema. Após esse primeiro momento é sorteado um professor para coordenar e orientar cada equipe e a própria turma escolhe um líder para representá-los.

O evento acontece em três dias, não consecutivos. Tendo como principais objetivos relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção, reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio cultural e literário nacional, despertando nos alunos as competências e habilidades propostas pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), visando elevar a autoestima do aluno através das atividades que incentivam as descobertas das suas potencialidades e promover a integração entre os alunos.

Dentre as atividades realizadas na feira, no segundo dia, ocorre um desfile para a escolha do Garoto e da Garota que irá representar o evento em um cartaz. Para o desfile é exigido que cada turma escolha um casal entre os próprios alunos para desfilar. Os jovens escolhidos por cada equipe devem estar devidamente caracterizados, com roupas que envolvam o seu tema e prontos para desfilar. Neste dia os jurados, por meio de votação secreta, escolhem dois casais: um casal representando o Ensino Fundamental (8º e 9º ano) e outro representando o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos Ensino Médio (EJAEM).

Após essa votação a escola confecciona um cartaz para a divulgação da feira com a foto do Garoto e da Garota escolhido. O corpo de jurados que participa dessa e das demais etapas do evento é formado por professores da escola e demais pessoas da comunidade convidadas pela equipe diretiva do Colégio.

No segundo dia acontecem as apresentações artísticas onde cada turma deve criar uma dramatização (apresentação de teatro); coreografar uma música; apresentar uma paródia e um tema livre. Todas as apresentações artísticas devem retratar o tema de cada equipe. Cada turma fica responsável pela realização de suas atividades, e essas apresentações também são julgadas pelos jurados.



No último dia ocorre à culminância do evento que é a feira em si; uma exposição aberta à comunidade na Praça São Francisco. Essa feira é avaliada pelos jurados, cada turma fica responsável por organizar uma barraca que envolva o seu tema, podendo conter imagens, textos, fotos, cartazes, maquetes, quadros, lembrancinhas, comidas típicas de cada região representada e podem ter também o casal tipicamente vestido representando cada tema. Na verdade a arrumação das barracas fica a critério da criatividade de cada equipe, além disso, os alunos costumam confeccionar camisas para que todos representem devidamente o seu tema.

A Feira Cultural não tem patrocínio, assim, os próprios alunos por não terem condições de arcar com as despesas das atividades, vão em busca de ajuda financeira. Cada turma procura o seu patrocinador, e a escola orienta esses alunos nessa tarefa.

Algumas coisas não são permitidas durante a feira, como a exposição do nome do patrocinador na barraca e/ou nas camisas; o uso de bebidas alcoólicas pelos alunos; o uso de som no dia da exposição da barraca (o aluno que levar som é desclassificado). Além disso, é exigido que cada equipe seja responsável pela limpeza do espaço ocupado por sua barraca, e caso as turmas não deixem os espaços ocupados devidamente limpos serão desclassificadas.

Ao final de todas as etapas do evento, é divulgado no mural da escola o resultado de todos os jurados com a pontuação de cada turma.

Por que o entendimento da feira cultural como pedagogia?

Por que pensar essa atividade cultural como uma “Pedagogia da Feira”? Para compreender melhor, devemos primeiramente esclarecer os conceitos de pedagogia e feira. Segundo Ghiraldelli (1996): a pedagogia está originalmente ligada ao ato de condução do saber, e de fato tem a preocupação com as formas e maneiras de levar o indivíduo ao conhecimento (GIRALDELLI, 1996, p.8). Já a feira, quer dizer “uma exposição em um espaço reservado” (FERREIRA, 2010). Assim, a “Pedagogia da feira” é abordada aqui como local para exposição do conhecimento, onde os alunos têm a oportunidade de buscar e construir um conhecimento sistematizado durante a produção desse evento, e passar adiante para a comunidade um pouco de todo esse aprendizado, construído durante a exposição da feira cultural. Tudo isso, com o auxílio e orientação de um professor. Ou seja, a pedagogia da feira nesta pesquisa pode ser definida como a construção e divulgação de saberes de modo amplo. Um saber, produzido e elaborado em grupo e exposto para o público, com o objetivo de transmitir conhecimento. A pedagogia da feira possibilita que os alunos possam expor tudo aqui-



lo que eles mesmos construíram sobre determinadas temáticas. Ela é uma proposta que envolve a educação dos jovens de uma maneira dinâmica e interativa, onde tem como ponto chave o trabalho coletivo, no qual os alunos aprendem “participando, vivenciando sentimentos, tomando atitudes diante dos fatos, escolhendo procedimentos para atingir determinados objetivos” (LEITE, 1996).

É importante que os alunos possam desenvolver sua criatividade, que eles busquem, que se interessem, porém a orientação do professor é essencial nesse processo, pois “pesquisas sobre criatividade no contexto educacional têm apontado o professor, elemento principal da organização do trabalho pedagógico, como um dos componentes indispensáveis para incentivar a criatividade nos seus alunos” (MARIANI e ALENCAR, 2005, p. 27). Por isso, entende-se que a realização de uma Feira Cultural “gera um grande movimento na escola, pois coloca os alunos na condição de pesquisadores e os professores assumem o papel de orientadores” (LOPES, s/d, p.4). Além disso, essas feiras “se apresentam como um convite para abrir todas as janelas: da curiosidade e interesse do aluno, da criatividade e mobilização do professor, da vida e do sentido social da escola (LOPES, s/d, p.3).”

Neste sentido, o processo de aprendizagem:

[...] deixa de ser um simples ato de memorização e ensinar não significa mais repassar conteúdos prontos. Nessa postura, todo conhecimento é construído em estreita relação com o contexto em que é utilizado, sendo, por isso mesmo, impossível separar os aspectos cognitivos, emocionais e sociais presentes nesse processo. A formação dos alunos não pode ser pensada apenas como uma atividade intelectual. É um processo global e complexo, onde conhecer e intervir no real não se encontram dissociados. (LEITE 1996, p. 2).

A feira cultural tem justamente esse intuito de envolver e despertar nos alunos o interesse pela aprendizagem, para que eles possam pôr em prática e expor um conhecimento sistematizado por si próprio, os quais buscaram e dedicaram-se durante todo o processo de construção da feira.

A “pedagogia da feira” não consiste em entregar nas mãos dos alunos respostas prontas, mais apenas um regulamento cujas regras eles terão que cumprir e uma temática, na qual eles mesmos terão que usar da própria criatividade e buscar maneiras de aprofundar as questões que lhes foram indicadas, e expor tudo aquilo que foram capazes de produzir. O que torna o conhecimento bem mais prazeroso, pois é algo que eles mesmos vão construir e expor de acordo com a criatividade de cada grupo de alunos. Assim, a feira cultural é uma prática educativa que proporciona aos alunos uma experiência edificante do trabalho coletivo e vivências diversas da cultura escolar.



O olhar dos profissionais da escola

Para efetivação da pesquisa que culminou neste artigo, inicialmente foi realizado um levantamento de dados sobre a Feira cultural. A partir daí começaram a surgir algumas questões, tais como: de que forma a Feira Cultural interage na aprendizagem dos alunos? E ainda, de que forma o corpo docente interage nesse processo? Essas questões serviram como pontos-chave para o desenvolvimento do trabalho. A partir disso, foram escolhidos para serem entrevistados, quatro professores mais antigos da escola e a Diretora. Os professores têm em média de 9 a 14 anos que trabalham na escola, dentre eles estão os professores de Biologia, de Educação Física, de Artes, a professora de História e a Diretora do Colégio.

Em relação a aceitação da feira cultural pelo corpo docente da escola, todos os entrevistados acenaram de modo favorável. Para os professores a feira cultural é importante em vários aspectos, os principais citados foram que a feira é uma ideia importante e renovadora, pois a cada ano é um tema diferente; é uma alternativa à avaliação formal; revela talentos a partir das apresentações propostas nesse movimento da Feira; além disso estimula os alunos em vários aspectos educacionais como o trabalho em equipe; o interesse dos alunos pela pesquisa; o senso crítico e a integração deles com a comunidade.

Durante as entrevistas, foi indagado aos professores se a Feira Cultural traz alguma contribuição no processo de aprendizagem dos alunos. Eles afirmaram que sim e citaram alguns exemplos. Têm fatos específicos que os professores já observaram em relação a aprendizagem, por exemplo, em uma das vezes que o Professor de Biologia ficou responsável por uma das turmas na Feira, ocorreu que a turma acabou enfrentando alguns conflitos por diferentes tipos de ideias. Foi então que o professor teve a oportunidade de mediar a situação e os alunos acabaram chegando a um consenso. Esse tipo de aprendizado é muito importante para uma futura vida acadêmica e profissional desses alunos, pois é a partir de situações como essas que os alunos têm a oportunidade de quebrar algumas barreiras existentes no trabalho coletivo.

Porém, infelizmente nem sempre a mediação do professor é o suficiente e os alunos acabam não conseguindo vencer essa barreira em um primeiro momento. A professora de História relatou que já houve uma turma que tinham diferenças tão arraigadas, que chegou ao ponto de prejudicar o desenvolvimento deles na Feira. Nem o fato de que se eles trabalhassem em equipe poderia conseguir uma melhor pontuação na Feira e melhorar a nota de todos, foi o suficiente para que esses estudantes colocassem suas diferenças de lado para seguir em um trabalho coletivo bem sucedido. A professora de História ainda complementou dizendo que



Esse é um desafio, pois lá fora, na vida fora da escola, você vai se deparar com pessoas que você não vai gostar tanto, que você vai ter dificuldade e vai ter que aprender a lidar e vai ter que conviver com elas, no seu trabalho, você não vai poder dizer: - Ai eu não quero conviver com fulano porque não gosto dele. E vai ficar com cara de raiva ou vai se melindrar, tem que saber lidar com isso. De alguma forma, a gente acredita que contribui pra isso, no meu ponto de vista (PROFESSORA DE HISTÓRIA, 2016).

O conjunto de professores afirmou que é possível estabelecer relações entre os conteúdos trabalhados em sala de aula e as atividades da feira, depende da metodologia adotada. Para o professor de artes esse evento é algo “fantástico”, pois a feira é o momento que ele tem para trabalhar fora da sala de aula com desenhos, pinturas, teatro. A feira é uma ótima oportunidade de aprofundar os diversos assuntos que existem dentro dessa disciplina. Porém mesmo em disciplinas mais complexas como a Biologia, o professor afirma que consegue fazer sim essa interdisciplinaridade entre os conteúdos, ou seja, independente da disciplina lecionada pelo professor, se houver uma disponibilidade é possível fazer essa interdisciplinaridade dos conteúdos trabalhados na feira com os aplicados em sala de aula.

No decorrer das entrevistas foi perceptível a preocupação da direção e da equipe de professores em que a Feira Cultural fosse também um meio de preparar os alunos para um bom desenvolvimento no ENEM. Segundo o professor de Biologia a Feira na verdade tem duas vertentes, tanto preparar os estudantes para uma futura vida acadêmica, na graduação, quanto também para a vida no convívio social, já que os temas abordados são de cunho histórico, social, político e religioso. Segundo a diretora (2016) “é a partir do intuito de motivar e embasar o aluno para que ele esteja pronto pra discorrer na redação que é uma exigência maior, e dentre os outros contextos das provas que o ENEM exige, que a equipe gestora e pedagógica está focando no ENEM”, possivelmente com o objetivo de que o aluno cresça, avance e progrida na sua futura vida acadêmica e social.

Contribuições da pedagogia da feira na vida dos alunos

Os alunos envolvidos no Projeto da Feira Cultural ocupam o papel principal, pois são eles os protagonistas desse evento, visto que buscam o conhecimento e se empenham para a realização da feira. Assim, buscando responder à pergunta “o que a Pedagogia da Feira realmente trás de contribuição na vida dos alunos?” realizamos uma abordagem com 30 ex-alunos, por meio de um pequeno questionário, com oito questões.

A intenção foi entender se essa Pedagogia da Feira refletiu de alguma forma na vida desses jovens e se ela teve importância no desenvolvi-



mento de cada um. A justificativa e critério para escolha dos ex-alunos deu-se pelo fato de que esses jovens já passaram por esse processo e possivelmente teriam uma opinião formada em relação à feira Cultural. As perguntas do questionário foram desenvolvidas após análise do que os professores e a diretora frisaram, durante as entrevistas, como principais aspectos atingidos pela feira. No quadro I apresentamos as respostas ao questionário realizado:

Quadro I: Questionário

RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO			
PERGUNTAS	SIM	MAIS OU MENOS	NÃO
Você acha que a feira pode contribuir para a descoberta de alunos que possuem talentos em especial? (exemplo; desenhar bem, cantar, dançar, interpretar, entre outros)	26	4	0
A feira cultural tem como proposta o trabalho em equipe, você acha que isso contribuiu na sua vida acadêmica ou na sua carreira profissional?	29	1	0
A feira propõe deixar que o aluno pesquise sobre o tema sugerido em diferentes espaços, você acha que o fato de ir em busca desse conhecimento fora da escola ajuda mais no aprendizado do que ter o conteúdo pronto de um livro didático:	26	4	0
A Feira cultural tem como proposta apresentações e exposições, você acha que isso te ajudou a ser menos tímido e a ser mais confiante na sua vida pessoal, acadêmica ou profissional?	24	3	3
Você acha que os temas abordados na feira foram importantes para o seu aprendizado de conteúdos extracurriculares?	16	12	2
Nas vezes em que participou da feira, sentiu que os professores incentivaram os alunos a pesquisarem sobre o tema trabalhado?	19	10	1
	BOM	REGULAR	RUIM
O que você acha dos temas que já foram propostos na feira nos anos que você participou?	19	11	0
	Apenas 1	Entre 2 e 4	Mais de 5
De quantas feiras participou?	1	28	1

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nas respostas dos questionários (2016)

Percebe-se que em sua maior parte, os ex-alunos entrevistados participaram por mais de 1 ano na Feira Cultural, ou seja, tiveram a oportunidade de vivenciar essa experiência por mais de uma vez, o que lhes permitiu ter uma melhor conclusão em relação a mesma.



Quando questionado aos alunos sobre a proposta que a feira cultural tem com o trabalho em equipe, visando contribuir na vida acadêmica ou profissional dos estudantes, foi possível perceber que todos concordaram que sim e apenas um entrevistado afirmou que mais ou menos, ou seja, de acordo com o resultado, a feira realmente consegue atingir essa proposta de preparar os alunos para uma vida além do Ensino Médio, seja ela uma futura vida acadêmica ou profissional.

No momento que o aluno está no Ensino Médio, começa a pesar sobre seus ombros a responsabilidades de decidir como seguir seu futuro, e, se preparar para dar início a essa nova fase, não é fácil. É justamente com a preocupação de auxiliar os alunos nessa decisão que escola objetiva esse projeto da Feira Cultural para prepará-los para o futuro, independente de suas escolhas. Esse projeto permite e impulsiona os alunos a buscarem os conhecimentos para alcançarem seus objetivos, a aprenderem a trabalhar em equipe, e a serem mais desinibidos nos momentos precisos. É justamente por conta dessa pressão social de tomar uma decisão quanto à carreira profissional, que a escola tem essa preocupação de preparar bem seus discentes.

Além do preparo nesses aspectos, a mostra de alunos questionados, confirma aspectos que os professores já haviam citado durante o momento de entrevista: que a Pedagogia da Feira proporciona a possibilidade de se descobrir entre os alunos talentos específicos, como alunos que dançam bem, que têm o dom para o canto, que têm o domínio de liderança, habilidades para desenhar, entre outros. Talentos esses que por muitas das vezes podem passar despercebidos no dia a dia em sala de aula.

Quando indagados se o fato da feira lhes proporcionar a participação e a exposição em apresentações artísticas contribuiu para deixá-los menos tímidos na vida acadêmica, profissional ou até mesmo na vida pessoal, 24 alunos afirmaram que sim. Isso é de fundamental importância, pois assim que os jovens concluem o ensino médio e ingressam em um nível superior, ou no mercado de trabalho, eles muitas vezes precisam ser mais desinibidos para conquistar seus objetivos, pois é nesse momento que os desafios se tornam maiores e é preciso que eles não tenham medo, deixem a timidez de lado e busquem vencer.

Para a escolha do tema da feira, a escola sempre se preocupou em levar em consideração a matriz curricular do ENEM, para contribuir no sucesso do alunado nesse exame. Quando questionados se gostaram dos temas, a maioria dos ex-alunos afirmou que sim, e quando indagados se acreditam que os temas contribuíram para a aprendizagem extracurricular, somente 1 afirmou não ter gostado dos temas, os demais se dividiram entre acharem os temas regulares e bons, mais ainda assim a maioria acredita que os temas trabalhados foram ótimos.



É bastante interessante essa proposta de deixar que o aluno busque, pesquise e aprenda através de seus próprios esforços, porém é essencial que os mesmos tenham um aparato, alguém que possam orientá-los nesse processo, e é aí que entra o papel do professor que fica responsável por orientar cada turma. Em relação a essa importância, quando questionamos aos alunos se eles sentiram que os professores os incentivaram durante esse processo, somente um aluno respondeu que não, 10 disseram que mais ou menos e novamente a maioria de 19 alunos afirmaram que se sentiram impulsionados a irem em busca de seus próprios conhecimentos.

Após a análise do questionário conclui-se que a maior parte do público questionado se posiciona de maneira positiva aos resultados esperados pela Pedagogia da Feira, o que significa que os esforços para contribuir na vida desses alunos de maneira construtiva foram efetivamente alcançados.



Algumas considerações

Após esta análise foi possível perceber que a feira cultural é um evento que retira os alunos da rotina escolar e lhes possibilita motivos para que busquem conhecimentos fora da escola, para que possam em seguida reunir esses conhecimentos e expor de forma criativa e cultural. É algo muito singular, tanto para os professores como para os alunos. Os professores têm a oportunidade de serem mediadores desse processo e os alunos aprendem a buscar seu próprio conhecimento, e ainda adquirem estratégias para trabalhar melhor em grupo.

Foi notório verificar que a Pedagogia da Feira contribui de maneira positiva na vida desses alunos, alcançando o principal foco da instituição, que é justamente dar um suporte para que esses jovens estejam preparados para uma futura vida acadêmica e/ou profissional. Os estudos feitos durante a realização desta pesquisa constataram que a Pedagogia da feira é uma prática pedagógica efetiva no sentido de retirar os alunos do comodismo e instigá-los a se colocarem como protagonistas da aprendizagem, frente a frente com conhecimentos que estão presentes tanto no currículo escolar como no âmbito extracurricular.

Além disso, a pesquisa possibilitou verificar que os membros do Colégio Estadual Deputado Elísio Carmelo por meio de suas atividades pedagógicas diferenciadas, parecem dar seguimento ao pensamento de seu patrono, no sentido de prestar valiosa colaboração à cidade de São Cristóvão, visando “tornar a sociedade são-cristovense mais fraterna, justa e igualitária.” (CAMILO, 2019, p.91).

A perspectiva de estudar a realização das Feiras Culturais, bem como de outros eventos escolares que acontecem no campo educativo ainda tem sido pouco explorado no ensino superior de Sergipe, mas constata-se a relevância da temática e o quanto tem a dizer para a História

da Educação, espera-se que a partir deste estudo, novas investigações possam surgir para explorar e pesquisar não apenas festas e feiras escolares, como também a diversidade de eventos que acontecem no interior de nossas escolas.

Referências

- AMBROSIO, Maria das Mercês Bonfim. *A Pedagogia do Rosário* – conteúdo educativo da festa. Belo Horizonte - MG. 1988. 207p.
- ARAGÃO, Ivan Rêgo. *Cultura, identidade e memória*: uma análise da relação do turismo com o patrimônio arquitetônico na cidade histórica de São Cristóvão/ SE. Monografia (Turismo). Estácio/Faculdade de Sergipe, Aracaju, 2009.
- BARRETO, Luiz Antônio. *Personalidades Sergipanas*. Aracaju: Typografia Editorial, 2007.
- CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.
- CAMILO, Antônio. *Elysio Carmelo*: um homem admirável. Aracaju: Infographics gráficas & aditora, 2019.
- CARVALHO, Eliane M. S. F. *São Cristóvão e seus monumentos*: 400 anos de história. São Cristóvão: Secretaria de Estadual de Educação, 1989.
- CEREJA, Willian Roberto. *Uma proposta dialógica de ensino de literatura no ensino médio*. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo. 2004. 330p. (Tese de Doutorado).
- Enciclopédia dos municípios brasileiros / [Conselho Nacional de Geografia e Conselho Nacional de Estatística]. Rio de Janeiro: IBGE, 1964.
- FELGUEIRAS, Margarida Louro. Cultura escolar: da migração do conceito à sua objectivação histórica. In: M. L. Felgueiras; C. E. Vieira. (Eds.) *Cultura escolar, migrações e cidadania*. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e autores. p.17-32.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p. ISBN 978-85-385-4198-1.
- GHIRALDELLI, Paulo. *O que é pedagogia?* São Paulo. Brasiliense. 1996
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.
- LEITE, Lúcia Helena Alvarez. Pedagogia de projetos: intervenção no presente. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, v. 2, n. 8, mar./abr. 1996.
- MARIANI, Maria; ALENCAR, Eunice. Criatividade no trabalho docente segundo professores de história: limites e possibilidades. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 9, n. 1, p. 27-35, 2005.



MARQUES, Sônia Maria dos Santos. *A Pedagogia do Estar junto: ética e estética no bairro São Sebastião do Rocio*. Porto Alegre. 2008. 206p. (Tese de Doutorado).

NUNES, Maria Thétis. A cidade de São Cristóvão na formação da história de Sergipe: desde a colônia até os dias atuais. In: BRASIL. *Dossiê da proposta de inscrição da Praça São Francisco em Sergipe na lista do patrimônio mundial*. Aracaju: Secretaria de Estado da Infraestrutura: IPHAN: Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. p. 1-19. CD-ROM.

PASSOS, Carla. *São Cristóvão a primeira capital de Sergipe*. Cinform Municípios, Aracaju, n. 200, p.236-238, 2002.

Projeto Político Pedagógico da Escola do Colégio Estadual Deputado Elisio Carmelo. São Cristóvão, 2017.

REIS, Anilton Nunes dos. A festa de São José, do bairro Vila Nova, Francisco Beltrão/PR: a pedagogia do estar junto. *Anais do IX Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade (EDUCON)*. São Cristóvão- SE. 2015.

SANTANA, Josineide Siqueira de. Papéis Velhos: A História do Orfanato de São Cristóvão e da Escola da Imaculada Conceição através de suas Fontes. *Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação*. Sociedade Brasileira de História da Educação. Cuiabá, 2013. (p.1-14).

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Uma história de pés descalços: os ex-votos e a experiência dos romeiros do Senhor dos Passos de São Cristóvão (Sergipe, Brasil). *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 34, p. 173-200, 2019.

SOUZA, Maria Aparecida. Por uma pedagogia da festa. *Anais do VII Congresso da ABRACE*. Porto Alegre, outubro de 2012.

SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (Orgs.). *A Cultura Escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

TELLES, Augusto Silva. São Cristóvão: urbanismo e arquitetura. In: BRASIL. *Dossiê da proposta de inscrição da Praça São Francisco em Sergipe na lista do patrimônio mundial*. Aracaju: Secretaria de Estado da Infraestrutura: IPHAN: Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. p. 1-19. CD-ROM.

VEIGA, Cynthia Greive. “Educação estética para o povo”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 399-422.

VILELA, Iêda Maria Leal; SILVA, Maria José Tenório da. *Aspectos históricos, sociais, culturais e artísticos da cidade de São Cristóvão*. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura e Meio Ambiente, 1989. (Série memórias, v. 1).



Entrevistas:

Professor de Artes. Entrevista concedida às autoras em 11 de outubro de 2016.

Professor de Biologia. Entrevista concedida às autoras em 13 de outubro de 2016.

Professor de Educação Física. Entrevista concedida às autoras em 18 de outubro de 2016.

Professora de História. Entrevista concedida às autoras em 19 de outubro de 2016.

SANTOS, Maria Rita dos. Entrevista concedida às autoras em 10 de outubro de 2016.

Sites consultados

Casa do IPHAN São Cristovão. Disponível em: <<http://casadoiphansc.blogspot.com.br/2011/07/feira-cultural-do-colegio-deputado.html>> Acesso em 26 maio 2017.

Secretaria de Estado da Educação. Disponível em: <<http://www.seed.se.gov.br/secretaria.asp>> Acesso em 06 mar. 2017.

Portal da prefeitura municipal de São Cristovão. Disponível em: <<http://www.saocristovao.se.io.org.br/historia>> Acesso em 09 mar. 2017.

Organizações das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/list-of-world-heritage-in-brazil/>> Acesso em 09 mar. 2017.

